

A roupa do zuavo fruto de criação fluídica

“Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces, [...]” (ALLAN KARDEC)

Sempre estamos diante da inusitada situação de vermos algo numa obra que já lêramos inúmeras vezes, mas só o percebemos na última leitura. Outras vezes, são amigos, dedicados trabalhadores do Espiritismo, que nos apontam esse “algo” que não estávamos vendo. No presente caso, crédito total ao amigo Oscar Roberto Duda.

Na *Revista Espírita 1859*, mês de julho, vamos encontrar em “Conversas familiares de além-túmulo” registrados dois diálogos - 10 e 17 de junho - com o Espírito Joseph Mirard, sob o título “O soldado argelino de Magenta” (1).

Joseph Mirard foi um soldado que morreu na batalha de Magenta, cuja evocação visou a busca do conhecimento sobre os Espíritos que morrem nas guerras. Eis a informação que encontramos na **WIKIPÉDIA** a respeito dessa batalha:

A Batalha de Magenta foi travada em 4 de junho de 1859 durante a Segunda Guerra de Independência Italiana contra a Império Austríaco, resultando numa vitória dos exércitos francês e sardo contra os austríacos, sob o comando do general Ferencz Gyulai. Ocorreu perto da cidade de Magenta, no norte da península Itálica. (2)

Do segundo diálogo, destacamos as seguintes questões:

40. Dissestes-nos que não tínheis revisto ainda o general Espinasse; **como poderíeis reconhecê-lo, uma vez que já não carrega sua farda de general?** – R. Não, mas conheço-o de vista; ademais não temos uma multidão de amigos prontos a nos dar a palavra. Aqui não é como no grande círculo; não se tem medo de se

1 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 184-189.

2 WIKIPÉDIA, Batalha de Magenta, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta

consentir em auxiliar e vos respondo que não há senão os maus velhacos, os únicos que não se veem.

41. **Sob qual aparência estais aqui? - R. Zuavo.**

42. **Se pudéssemos ver-vos, como vos veríamos? – R. Com turbante e calção.**

43. Pois bem! Suponho que nos aparecesse com turbante e calção, **onde apanhastes essa roupa**, uma vez que deixastes a vossa no campo de batalha! – R. Ah! Eis! Nada sei; **tenho um alfaiate que me arranjou esta.**

44. **De que são feitos o turbante e o calção que levais?** Rendei-vos conta disso? – R. Não; isso **diz respeito ao algibebe.** ⁽³⁾ (grifo nosso)

Na Internet, descobrimos esta imagem da roupa que um zuavo usava ⁽⁴⁾.

A informação do manifestante é que a roupa que usava lhe foi arrumada por um alfaiate. Allan Kardec (1804-1869) disse que, em relação à roupa o Espírito não teria condições de resolver porque não era bastante avançado.

Entretanto, vamos encontrar uma explicação dada por um Espírito superior a respeito da roupa, porém, ela fica como que “escondida” entremeio a informações contida no artigo “Mobiliário de além-túmulo” publicado no mês de agosto na mesma **Revista Espírita 1859**. Mas antes de ir ao ponto, trazemos estes trechos das questões 5, 11 e 26, respectivamente:



[...] **O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar.** Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos. ⁽⁵⁾ (grifo nosso)

[...] Tendes provas **do poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria,**

3 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 187-188.

4 ZUAVO, Roupa característica, disponível em: <https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f--civil-war-art-gettysburg.jpg>

5 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 201.

que estais longe de supor, como já vos disse. ⁽⁶⁾ (grifo nosso)

[...] **o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra**, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, frequentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. [...]. ⁽⁷⁾ (grifo nosso)

Fica bem claro que o nosso saber sobre o que os Espíritos podem fazer é pífio; daí, não ter nenhum sentido querermos fechar questão quanto ao que eles podem realizar tendo como elemento o fluido cósmico universal.

Vejamos agora as duas questões mais importantes:

20. A produção de objetos semimateriais é sempre o fato de um ato de vontade de um Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? – R. Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento.

21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? – R. Certamente; mas, frequentemente, ele mesmo a ignora. **É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar**, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre. ⁽⁸⁾ (caixa alta do original, negrito nosso)

Recebemos o seguinte comentário de Oscar Roberto Duda:

A revolução é: se é outro Espírito que fez, com seu pensamento manipulando os fluidos, a roupa para outro Espírito, então aquela roupa se mantém, sem que quem a confeccionou precise ficar mantendo-a pelo pensamento. Isso é o ponto fundamental: há coisas criadas pelo pensamento no mundo espiritual que não precisam serem sustentadas pelo pensamento para continuarem a existir.

Ademais, se um Espírito “alfaiate” cria com seu pensamento roupas para outro Espírito que mesmo após oito anos de erraticidade ainda não tem esse domínio, a razão diz que havendo certamente milhares, senão milhões, de Espíritos nessa mesma condição, e com as mais diversas demandas, então haverá milhares de

6 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 202.

7 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 204.

8 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 203.

Espíritos encarregados de atender essas demandas. E é assim que fica mais que corroborado pela Doutrina, na revelação de São Luiz, aceita por Allan Kardec, a existência de cidades com as mais variadas e diversas construções de toda ordem, justificando pois a informação de Mesmer e de *O Livro dos Espíritos* de que nosso mundo é um pálido reflexo do espiritual.

Ora, uma criação fluídica, como querem sempre alegar contra as colônias espirituais, seria produzida pelo próprio Espírito, jamais por um outro, como no caso da roupa. Tal fato prova incontestavelmente a possibilidade dos Espíritos criar mil e uma coisas diferentes de acordo com a sua vontade. Óbvio, que quanto mais elevado maior “poder” possuem.

Sim, poderá haver questionamento quanto a explicação dada por esse Espírito superior. Mas então que o contestador vá a todas as obras da Codificação e demonstre que São Luís tenha “furado” em alguma coisa. Seja um esclarecimento, uma explicação, etc., pois esse Espírito superior mencionado, cujo nome nós estamos relevando agora, é o próprio.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Jul/2023

Revisão: Artur Felipe Ferreira

Hugo Alvarenga Novaes

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Referência bibliográfica:

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

WIKIPÉDIA, *Batalha de Magenta*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_de_Magenta. Acesso em: 31 jul. 2023.

ZUAVO, *Roupa característica*, disponível em:

<https://i.pinimg.com/474x/ba/cc/5f/bacc5f91a84ff3f111b4a5f35a51b56f--civil-war-art-gettysburg.jpg>. Acesso em: 30 jul. 2023.

Ps.: O teor desse artigo será inserido nos ebooks: “Criações fluídicas: um breve ensaio” e “Colônias espirituais x dogmatismo de espíritas”.